



**CORTADO DE CHÃO – UMA NARRATIVA SOBRE TRANSMISSÃO DE  
CONHECIMENTOS NA CATA DE CARANGUEJOS NAS LAGOAS SECAS DO  
PIXAIM**

**CORTE DEL PISO: UNA NARRATIVA SOBRE LA TRANSMISIÓN DEL  
CONOCIMIENTO EN COLECCIÓN CANGREJOS EN EL ESTANQUE SECO DE  
PIXAIM**

**Waldson de Souza Costa<sup>1</sup>**

wsouzac@yahoo.com.br

**RESUMO**

O presente texto faz uma abordagem sobre formas de transmissão de conhecimentos e técnicas a partir de uma experiência de coleta de crustáceos registrada, com métodos da Antropologia Visual Compartilhada, no povoado ribeirinho Pixaim. A narrativa visual contribui na exposição dos dados de pesquisas evidenciando as informações sobre a construção de repertórios de conhecimentos e técnicas desenvolvidas por ribeirinhos.

**Palavras-chave:** Conhecimentos, Antropologia Visual, Pixaim, Alagoas

**RESUMEN**

El presente texto trata sobre las formas de transmitir el conocimiento y las técnicas de una experiencia registrada de recolección de crustáceos, utilizando métodos de Antropología Visual Compartida, en la aldea ribereña de Pixaim. La narrativa visual contribuye a la exposición de datos de investigación que destacan la información sobre la construcción de repertorios de conocimientos y técnicas desarrolladas por personas ribereñas.

**Palabras clave:** Conocimiento, Antropología Visual, Pixaim, Alagoas.

---

<sup>1</sup> Pesquisador mestre em Antropologia Social pelo PPGAS-UFAL e membro do grupo de pesquisa de Antropologia Visual em Alagoas (AVAL).

## INTRODUÇÃO

A coleta de caranguejos é uma atividade bastante comum em comunidades do litoral do Brasil. Os crustáceos, que se propagam em ambientes úmidos onde há grande preponderância da mistura de águas doces e salgadas, representam grande significância tanto para os costumes alimentares dos moradores como para a economia doméstica das famílias que vivem da cata e comercialização destes animais.

É sobre esta prática extrativista nas lagoas secas do povoado Pixaim que este artigo trata diante de uma narrativa descritiva-imagética que expõe questões sobre as formas de transmissão de conhecimentos, técnicas e inventividades tecnológicas desenvolvidas pelos catadores na captura dos crustáceos.

Assim, como são inúmeras as espécies de caranguejos presentes nos diversos ecossistemas do litoral brasileiro, variadas também são as tecnologias – práticas e instrumentais – usadas pelos humanos para coleta destes animais. No entanto, no caso específico deste texto trataremos da captura dos caranguejos da espécie *guaiamum*<sup>2</sup> e da coleta a partir da técnica do ‘cortado de chão’. Experiência que foi registrada nas lagoas secas, áreas também conhecidas como brejos de Pixaim, a partir de uma metodologia etnográfica-visual.

Situada sobre as dunas móveis da Área de Preservação Ambiental de Piaçabuçu (APA de Piaçabuçu), que fica no município de Piaçabuçu, extremo litoral Sul do estado de Alagoas, Pixaim é uma pequena comunidade que está inserida dentro do espaço geográfico do Delta do Rio São Francisco. Posto em um espaço bem próximo da Foz do São Francisco, sendo Pixaim o último lugar habitado por humanos banhado pelas águas doce do principal rio do Nordeste, o lugar é favorecido por dinâmicas de águas doces e salgadas que propiciam um ecossistema singular que é habitat de inúmeros seres humanos e não-humanos.

A experiência aqui relatada foi construída através da metodologia da Antropologia Visual Compartilhada, método ao qual pesquisador e interlocutor constroem concomitantemente os dados visuais-etnográficos. A Antropologia Visual Compartilhada busca

---

<sup>2</sup> Espécie de caranguejo terrestre que vive em área de manguezal, o *guaiamum* se caracteriza pelo tamanho da carapaça, que pode chegar a até 11 cm, e pela coloração variada que vai do laranja ao azul dependendo da faixa etária do animal.

através de práticas de reciprocidade promover um diálogo entre pesquisador e interlocutores para que a produção de conhecimento ocorra de forma simétrica, diante de uma perspectiva de poder horizontal entre os envolvidos, onde os dados gerados são produzidos em comum acordo entre as partes diante das experiências partilhadas em processos que envolvem produção, ressignificação, recepção e apropriação das imagens pelo pesquisador e o interlocutor.

A ideia deste método visual “é fazer com que os interlocutores participem em todos os processos do trabalho, opinando sobre a representação que pretende dar a si próprio” (VALE, 2014, p.170), dando a oportunidade do “Outro” ‘falar por si mesmo’ diante de narrativas onde os sujeitos dão conta das próprias histórias” (BOUDREAULT-FOURNIER, 2016, p.42). Processo este que exige a construção de laços entre o pesquisador e os interlocutores que passam a formular com as imagens, através de intenções e interações mútuas, representações que compõem o patrimônio etnográfico.

Assim, para o registro deste artigo contamos com a colaboração de dois catadores de caranguejos<sup>3</sup>: João, de 34 anos, que é bastante experiente na atividade; e José, de 13 anos, que, apesar de já realizar o trabalho de coleta de caranguejos sozinho, ainda encontra-se em uma fase de aprendizado a qual segue as orientações e práticas do primo João. Na ocasião, eles se propuseram, no que podemos chamar de método de ‘verdade-provocada’<sup>4</sup>, simular o passo a passo da coleta de caranguejos para que eu pudesse fazer registros fotográficos e melhor compreender os processos envolvidos da prática artesanal.

Para isso, o trabalho de observação participante registrou desde a preparação dos artefatos usados para cata dos caranguejos até o processo de captura e armazenamento dos animais nos ‘chiqueiros’ de guaiamuns.

### **DA TRANSMISSÃO DE CONHECIMENTOS AO APERFEIÇOAR DE HABILIDADE**

Quando no final da década de 1980 a Usina Hidrelétrica de Xingó, que fica localizada no município de Piranhas (AL), começou a operar provocando o tamponamento da água do Rio

<sup>3</sup> Como estabelecido pelas normas da Antropologia Visual Compartilhada todas imagens que compõem este artigo foram previamente autorizadas – captura e circulação – pelos dois interlocutores, que estão identificados por nomes fictícios.

<sup>4</sup> A verdade-provocada consiste em uma simulação porque apesar dela retratar uma prática do cotidiano sua execução ocorre de forma programada, sendo reproduzida diante de um processo de experiência ao qual importa tanto a forma prática do fazer quanto a observação e o registro desta prática.

São Francisco para produção de energia elétrica, o fluxo de água que descia do rio em direção a Foz reduziu drasticamente modificando toda a dinâmica do Delta do São Francisco. O resultado foi a alteração do ecossistema da região que passou a contar com mais água salgada do mar do que a água doce do rio. Desequilíbrio que comprometeu a vida de seres humanos e não-humanos.

Diante desta situação as duas principais atividades econômicas – pesca e cultivo de arroz – dos ribeirinhos que vivem em áreas que compreendem o Delta do São Francisco entraram em decadência. Com mais água salgada do que doce dentro dos canais os peixes e outras espécies se afastaram da região e o cultivo do arroz dentro das lagoas foi inviabilizado pela salinidade. Sem alternativas viáveis para geração de renda muitas famílias deixaram a região em busca de oportunidades em outros lugares; enquanto algumas poucas permaneceram na região desenvolvendo atividades artesanais entre o campo, o rio e o mar.

A coleta dos caranguejos guaiamuns é uma dessas atividades artesanais que conseguiu resistir ao impacto ambiental provocado pela instalação das usinas hidrelétricas. E, embora, em 2014 o Ministério do Meio Ambiente (MMA) tenha colocado o crustáceo na Lista Oficial de Espécies da Fauna Ameaçadas de Extinção, justificando que por conta da captura excessiva e a degradação ambiental a espécie tem grandes chances de desaparecer do litoral brasileiro; proibindo assim a coleta da natureza ou manutenção destes animais em cativeiro, a cata dos caranguejos permanece como alternativa para sobrevivência das famílias.

Em Pixaim catar caranguejos é uma atividade social que envolve homens, mulheres e até crianças. É uma prática que faz parte do cotidiano e da memória coletiva do grupo que recorre a coleta do crustáceo para suprir necessidades orgânicas, econômicas e sociais. Enquanto uns fazem a coleta apenas para subsistência, para levar à mesa e compartilhá-los como alimento entre os familiares e amigos; outros recorrem aos caranguejos como alternativa econômica.

Os interlocutores João e José coletam os caranguejos dentro das antigas lagoas onde eram cultivados o arroz. Como a atividade agrícola já não é mais possível por conta do alto teor de salinidade da água, as lagoas e brejos foram tomados pela única vegetação natural que consegue resistir a água salgada. A vegetação, que se assemelha um capim alto, chega a até um metro meio sendo capaz até mesmo de cobrir em determinados pontos uma pessoa, já que o solo onde ela se concentra é barroso e alagadiço. E neste habitat onde se concentra os

guaiamuns que ficam escondidos entre buracos feitos na lama ou barro duro. É da prática para retirada dos caranguejos dos buracos onde o barro está duro que surge a expressão ‘cortado de chão’. A técnica consiste em ‘cortar o barro’, ou, ‘cortar o chão’, com um facão para abrir o buraco onde os animais estão e assim facilitar a entrada deles nas armadilhas (ratoeiras) de captura.

A atividade de coletar caranguejos começa cedo com os preparativos das *ratoeiras*, espécies de armadilhas artesanais feitas pelos catadores com material reaproveitado. As *ratoeiras* são fabricadas com diversos materiais e possuem tecnologia sofisticada, sendo em sua maioria a base preparada com garrafas pets, latas, elásticos e arames. Reutilizáveis elas possuem uma só entrada com uma porta que é posicionada de forma estratégica para quando animal entrar não conseguir mais sair. Na outra extremidade é colocado a *isca*, algum alimento, geralmente fruta, para atrair os animais até o espaço interno da *ratoeira*, que funciona de forma automática. Quando o caranguejo entra pela tubulação e puxa a *isca*, ele solta uma alavanca que fecha a entrada da *ratoeira* o deixando preso, resultando assim na captura.

Porém, antes de armar as *ratoeiras* nos brejos é preciso prepará-las. Observar o funcionamento, a trava e se furos feitos para facilitar a respiração dos animais estão livres para a passagem de ar. Depois disso, escolhe-se as *iscas* – geralmente frutas da época e que são encontradas com facilidade na região: coco, manga, caju – que são cortadas em pequenos pedaços e colocados nos fundos das *ratoeiras*, que prontas seguem em um grande saco até o brejo.

O trabalho de coletar caranguejos é demorado, exige técnica, conhecimentos específicos sobre o lugar e o comportamento dos animais, assim como, muita paciência porque pode-se levar até um dia inteiro para se obter sucesso na captura. Um catador experiente geralmente tem a educação da atenção treinada por outro mais experiente, diante de um processo de transmissão que geralmente ocorre pela observação e prática; mas esses também possuem conhecimentos e habilidades próprias que são adquiridas diante das percepções sobre a atividade e o lugar, e a rotina da prática do ‘fazer’. Com isso, estes catadores geralmente não voltam para casa sem *ratoeiras* batidas. O bater corresponde ao barulho feito pela *ratoeira* quando ocorre a captura do caranguejo.

O termo experiência aqui usado para adjetivar alguns dos catadores de caranguejos faz alusão ao que Barth denomina como conhecimento, que é segundo o autor o repertório de



informações e habilidades que uma pessoa emprega para interpretar e interagir no mundo (BATH, 2012). Repertório esse que é construído a partir da vivência de experiências, podendo assim variar de pessoa para pessoa dentro de um mesmo grupo social.

“O estoque de conhecimento de uma pessoa estrutura o mundo entendido e propõe as formas de lidar com isso. [...] Esse estoque de conhecimento varia muito entre pessoas [...] porque [o conhecimento] (além de coletivo) é particular ao depender dos eventos, ações e relações sociais estabelecidas pelos indivíduos [...] (BARTH, p.1, 2012)

Com isso, Barth enfatiza que o que uma pessoa sabe e ressalta, depende tanto do que ela apreende na interação com outras pessoas, como das experiências vivenciadas. Ou seja, embora um indivíduo aprenda determinado ofício a partir da explicação de alguém mais experiente, é provável que após dominar a técnica básica essa pessoa passe desenvolver sua própria técnica a partir das habilidades que possui e das experiências que vivencia na prática do cotidiano do ‘fazer’.

Este processo de transmissão de conhecimento e educação da atenção pode ser constatado diante das diferenças na prática de coleta de caranguejos feitos por João e José. Embora a cata de caranguejos ocorra no mesmo espaço geográfico e diante de uma mesma técnica, há diferenças perceptíveis nas formas deles capturarem os animais. Isso ocorre porque embora eles compartilhem do mesmo repertório básico de conhecimentos e técnicas, João e José possuem vivências e acúmulos de conhecimentos diferentes.

Dentro dos brejos que eram antigos arrozais João caminha com facilidade usando a vegetação como tapete para não afundar na lama. Técnica que ele mesmo aperfeiçoou diante da observação e da prática. Ele também possui mais habilidade para leitura dos buracos na lama e no barro duro para saber se o local ainda abriga o caranguejo. Processos que não são feitos da mesma forma por José, que ainda monta *ratoeira* em buracos abandonados, afunda na lama que atrapalha a cata dos animais, como também, vez ou outra perde um dos guaiamuns por não montar a ratoeira de forma adequada.

*– Ele perdeu o caranguejo porque deixou a ratoeira de qualquer jeito. Pode não. Deixar de qualquer jeito o caranguejo foge. Daí você perde e vai ter que montar de novo. E não pode ser no mesmo buraco porque o bicho já fica desconfiado e não vem mais. Daí tem*

*que achar outro buraco. É por isso que eu corto o barro. Com o chão cortado a ratoeira fica firme. Dai quando o bicho entra não sai mais Só sai pro saco. Nem todo mundo faz isso. Eu só monto com o chão cortado, porque quando bicho entra não sai. (João, catador de caranguejo)*

A técnica desenvolvida por João para captura de caranguejos envolve o que Ingold (2010) estabelece como desenvolvimento diante da interação entre a informação anterior e a circunstância externa. Pois, a competência que ele possui é para o autor resultado da maturação na repetição da tarefa que começou com o ato de copiar o que foi ensinado por alguém até chegar a um processo de cognição própria que o permite a formatar uma técnica própria e particular.

“Em todos os casos, as capacidades específicas de percepção e ação que constituem a habilidade motora são desenvolvimentalmente incorporadas no *modus operandi* do organismo humanos através da prática e treinamento, sob orientação de praticantes já experientes, num ambiente caracterizado por suas próprias texturas e topografia, e coalhado de produtos de atividade humana anterior” (INGOLD, 2010, p.16)

## ENTRE HABILIDADES E INVENTIVIDADES

De acordo com Tim Ingold ao desenvolver suas habilidades os humanos fazem uso de repertórios de conhecimentos fornecidos por seus antecessores a partir de uma educação da atenção, movimento que ocorre diante da observação, da apreensão do que se ouve e se sente, para que seja refletido na forma do fazer. Pois, para ele, todo o conhecimento é baseado em habilidade.

“Não se trata de conhecimento que me foi comunicado; trata-se de conhecimento que eu mesmo construí seguindo os mesmos caminhos dos meus predecessores e orientado por eles. Em suma, o aumento do conhecimento na história da vida de uma pessoa não é resultado de transmissão de informação, mas sim de redescoberta orientada” (INGOLD, 2012, p.19).

Assim, segue abaixo uma descrição imagética da prática da cata de caranguejos guaiamuns nos brejos de Pixaim. Exposição que mostra que mesmo se tratando de uma prática

executada no mesmo espaço geográfico e por pessoas que possuem repertórios de conhecimentos semelhantes, as evidências das diferenças se fazem presentes:

### Cata de caranguejos



FOTO 1 E 2 – João e José arrumam as ratoeiras antes de seguirem para lagoas seca de Pixaim.





**FOTO 3** – Dupla segue para lagoas onde vai montar as ratoeiras para captura dos caranguejos



**FOTO 4:** Com habilidade diferente José também procura caranguejos em área de coqueiral que fica ao lado das lagoas.



**FOTOS 5 e 6** – João mede a entrada do buraco onde há um dos caranguejos; aciona a armadilha para depois monta-la no local de captura.



**FOTOS 7 e 8** – Após montar mais uma da ratoeira, João marca com uma palha seca o local porque como mostra a imagem seguinte as ratoeiras ficam escondidas dentro da vegetação; ao final, um dos animais capturados que ficou preso na ratoeira artesanal.

## CONCLUSÃO

Diante da breve discussão proposta neste artigo ao fazer uma abordagem sobre o conhecimento, a partir de uma experiência de prática social presente em uma comunidade do Baixo São Francisco alagoano, podemos perceber que o processo de aprendizado que nos leva a habilidade de improvisar interpretações e práticas sobre a vida é algo dinâmico que pode variar até mesmo entre pessoas de um mesmo grupo social.

Pois, assim como enfatiza Ingold (2010), de que apreender é equivalente a uma educação da atenção, Steil (2014) expõe que o conhecimento envolve um processo criativo de habilidades que humanos compartilham não só entre si, mas também, com as coisas que os rodeiam, estabelecendo relações de diversas ordens com o mundo.

Afinal, diante de interações contínuas é possível observar que o ‘saber’, assim como, o ‘conhecimento’, é relativo podendo ser manifestado de diversas formas e intensidades que são capazes de ajudar os indivíduos a compreenderem o mundo para assim interagir sobre ele.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTH, Fredrick. 2012. An Anthoropology of Knowledge. In: **Current Anthopology**, Volume 43, n° 1.

BOUDREAULT-FOURNIER, Alexandrine e col. Fabriquer le Funk à la Cidade Tiradentes, São Paulo: performance en ethnoficion. In: **L'Ethnologie, no prelo**. s/d.

INGOLD, Tim. 2015. **Estar Vivo – Ensaios sobre o movimento, conhecimento e descrição**. Editora Vozes, Petrópolis, RJ.

\_\_\_\_\_. 2010. Da transmissão de representações à educação da atenção. In: **Educação**, Volume 33, n°1, p. 6-25, Porto Alegre, RS.

\_\_\_\_\_. 2012. Trazendo as coisas de volta à vida: Emaranhando criativos num mundo de materiais. In: **Horizontes Antropológicos**, Ano 18, n° 37, p. 25-44, Porto Alegre, RS.

STEIL, Carlos; CARVALHO, Isabel. 2014. Epistemologias Ecológicas: delimitando um conceito. In: **Revista Mana**, Vol. 20, p.-163-183.